

SUJEITO E SISTEMA EM SAUSSURE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL?

Mônica Nóbrega¹

monica.nobrega@uol.com.br

RESUMO: O diálogo entre a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana nos coloca o desafio de pensarmos em que bases estudos como os de Ferdinand de Saussure, criticado por ter colocado a lingüística no patamar de modelo para as ciências humanas porque habilmente definiu seu objeto sem referência a um sujeito falante, motivaram discussões em torno do sujeito, como as que foram empreendidas por Jacques Lacan. Impulsionados por este desafio, discutiremos neste artigo o lugar do sujeito nos estudos saussurianos, a partir de dois pontos fundamentais: a exclusão da fala do campo de estudos da lingüística e o desenvolvimento da tese da língua enquanto um sistema de signos. Defendemos que o fato de Saussure ter privilegiado a língua, o social, a linguagem, colocando-os como uma espécie de anterioridade-superioridade em relação ao sujeito, foi o que fez dos seus estudos um campo fértil para o *nascimento* do sujeito pleno de linguagem, efeito de significante.

PALAVRAS-CHAVES: sistema, exclusão, sujeito, significante.

O diálogo entre a lingüística e a psicanálise, para o qual tentamos contribuir, como linguistas, desde o doutorado (de 1998 a 2002, na PUC-RS), tem nos colocado algumas questões muito férteis para a pesquisa em lingüística, principalmente para a leitura-releitura dos escritos saussurianos.

Especificamente a partir de 2006, quando começamos, em parceria com a professora-psicanalista Margarida Assad, a linha de pesquisa “Sujeito, linguagem e psicanálise”, no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB, questões sobre o lugar do sujeito nas considerações saussurianas têm ocupado nossas pesquisas.

Mais especificamente, é, no mínimo, intrigante que a psicanálise lacaniana, ao fazer a releitura de Freud tomando como base, entre outras coisas, uma leitura de pressupostos saussurianos, construa uma discussão em torno do sujeito do inconsciente. Surpreendente pensar como uma teoria acusada, principalmente após a metade do século XX, de ter excluído o sujeito dos seus estudos, como a lingüística

¹ Professora da Universidade Federal da Paraíba.

saussuriana, pode ser tomada como base para construir exatamente uma teoria em torno do sujeito.

A questão que iremos discutir, neste artigo, portanto, deve ser tomada como o início de nossas reflexões sobre o que nos estudos de Saussure propiciaria uma discussão sobre o sujeito como a que foi feita por Lacan.

Embora, como dissemos, a psicanálise seja o impulso para a reflexão que vamos fazer neste artigo, limitar-nos-emos à discussão em torno dos estudos de Saussure, sem nos determos em questões sobre o sujeito em Lacan. Procuraremos construir uma argumentação em torno da seguinte questão: o que, nos estudos saussurianos permite que se pense, como o fez Lacan, questões em torno do sujeito?

É preciso lembrar, primeiro, que o sujeito, na compreensão de Lacan, é resultado do significante ou, mais lacanianamente, surge no espaço entre um significante e outro, em uma cadeia que ele chama (LACAN, 1998) de cadeia significante.

Efeito de estrutura, o sujeito se constitui na e pela linguagem e, para que assim o seja, é preciso que esta linguagem tenha movimentos dialéticos que, ao mesmo tempo em que parece ser dominada pelo sujeito (como ser falante que diz eu sou, mas que neste momento apenas não é), apresente algo que sempre lhe escapa, colocando-se em um lugar de “mais além” em que ele (sujeito) não pensa, mas é.

Desde já, deixamos claro que não pretendemos argumentar que Saussure tenha feito qualquer consideração teórica em torno do sujeito. Este não nos parece ter sido, em nenhum momento, objetivo do mestre genebrino. Muito pelo contrário, foi claramente a questões em torno da língua enquanto sistema de signos que ele se dedicou. Talvez por isso mesmo seus estudos tenham subsidiado uma discussão em torno do sujeito que não o coloca mais como “dono da sua própria casa”.

Não podemos aprofundar aqui as discussões, embora também não possamos deixar de cita-las, mesmo que rapidamente, que trazem Lacan como alguém que subverte a lingüística saussuriana.

Lacan e Saussure, é a posição que assumimos, claramente não discutiam o mesmo objeto. Um tratava da linguagem-língua, o outro do inconsciente, do sujeito. Portanto, não há, podemos dizer, mesmo que de forma rápida, subversão, mas objetos diferentes, assim como objetivos de estudos também diferentes. Por isso, falamos no diálogo entre as duas disciplinas. Não há entrelaçamentos, articulações, mas um diálogo que faz com que, de um lado e de outro, repensemos questões, refaçamos caminhos, mais que isto, que nos obriga a percorrer caminhos que achávamos velhos conhecidos.

Costumamos dizer que Lacan foi um excelente leitor de Saussure, chegando, muitas vezes, como disse Arrivé (1999), a ser mais saussuriano do que o próprio Saussure, porque viu o fundamental dos seus estudos, ou seja, a questão do sistema. Tanto é verdade que quando pensamos o signo lingüístico, em Saussure, não mais como algo isolado, mas, como parece o próprio Saussure acreditava e enfatizava tanto no CLG quanto em seus manuscritos, ou nas anotações de aulas de seus alunos, como um elemento que só tem existência no sistema, o significante lacaniano, em seus movimentos, com todas as diferenças que apresenta em relação ao significante saussuriano, já não nos parece algo tão distante de ser compreendido ou, pelo menos, começamos a entender porque Lacan acreditava que o inconsciente fosse estruturado como uma linguagem.

Portanto, insistimos em dizer que significante lacaniano e o signo saussuriano embora objetos diferentes, estudados segundo duas perspectivas significativamente diferentes, têm na sua lógica de existência, nos seus movimentos, uma similaridade que nos permite falar em diálogos possíveis entre a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana.

Decorre daí a nossa insistência, também, em partirmos do sistema, como o próprio Saussure sugeriu aos seus alunos nas últimas aulas do seu terceiro curso de lingüística geral, conforme anotações de Constantin (KOMATSU e HARRIS, 1993), para trabalharmos com os pontos de diálogo entre as duas disciplinas. Portanto, pela porta do sistema, pensemos como a compreensão da língua enquanto um sistema de signos pôde subsidiar os estudos lacanianos sobre o sujeito.

Começemos por uma dificuldade, já apontada por Fehr (2000), de um projeto que pretenda ver uma relação entre sujeito falante e língua nos estudos de Saussure. Afinal, tal projeto pode parecer sem fundamento quando lembramos que Saussure colocou a lingüística no lugar de modelo para as ciências humanas exatamente porque habilmente definiu seu objeto sem referência a um sujeito falante.

No capítulo sobre o objeto da lingüística, em que Saussure (1996, p. 16) escolhe “colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma para todas as outras manifestações da linguagem”, a distinção feita entre língua e fala parece colocar claramente o sujeito falante do lado da fala, excluído, portanto, do objeto da lingüística, a língua. Seria mesmo assim? Começemos pela separação clássica, encontrada no CLG (SAUSSURE, op. cit., p. 22):

Ao separar língua e fala, separa-se o mesmo tempo o que é essencial do que é acessório (...) A língua não é uma função do sujeito falante, ela é o produto que o indivíduo registra passivamente (...) A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e de inteligência.

Voltemos, antes de discutirmos a separação em si, à escolha da língua. Compreendemos que o fato de Saussure escolher, diante do impasse da heterogeneidade da linguagem, *colocar-se primeiramente no terreno da língua* não significa toma-la com exclusividade, mas como ponto de partida, como modelo, tendo como perspectiva algo maior do que a língua (a linguagem) e maior do que a Lingüística (a Semiologia). Depois, ainda sobre esta escolha da língua, devemos observar que ela se dá em relação à linguagem (tomando a língua como norma para todas as outras manifestações da linguagem) e não à fala.

A fala, relacionada à língua e à linguagem, aparece nos manuscritos saussurianos, conforme nos mostra Tullio de Mauro (1995, p. 419 - nota 63), como um ato individual marcado pela convenção social, ou seja:

a língua é um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o uso da faculdade da linguagem pelos indivíduos. A faculdade da linguagem é um fato distinto da língua, mas que não pode ser exercida sem ela. Pela *fala* designa-se o ato do indivíduo que realiza esta faculdade através da convenção social que é a língua.

Portanto, a fala só tem sentido na medida em que ela se faz a realização individual de uma língua social ou, dizendo de outra forma: “Em cada ato comunicativo estamos diante de uma *parole* que reproduz de forma parcialmente diferente e ao mesmo tempo parcialmente igual a mesma coisa, a saber, as unidades idênticas da *langue*, no nível imanente” (LOPES, 1997, p. 135).

Além disso, é preciso destacar que para Saussure a separação entre língua e fala não é tão categórica quanto aparece no capítulo do CLG (SAUSSURE, 1996) sobre o objeto da lingüística, na citação feita mais acima. No próprio CLG, ao discutir as relações sintagmáticas e associativas, língua e fala aparecem, pelo menos no domínio do sintagma, sem um limite categórico:

Cumpramos reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato da língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorrem para produzi-la e em proporções impossíveis de determinar. (SAUSSURE, *idem*, p. 145)

Longe de separar definitivamente fala e língua, Saussure mostra a relação de dependência entre os dois:

1º) não há nada na língua que não tenha entrado (direta ou indiretamente) através da fala percebida (D/ ... pela soma das falas percebidas, S). Reciprocamente, não há fala possível senão graças à elaboração do produto que se chama língua, e que forneceu ao indivíduo os elementos com os quais ele pode compor sua fala (D/ não há fala possível senão graças à língua). 2º) É papel da inteligência coletiva elaborar e fixar este produto (DS). Tudo o que é língua é implicitamente coletivo (S). Dizer que uma palavra “entra na língua”, é dizer que ela teve a aprovação coletiva (D). Mas, não há fala coletiva. Os atos de fala são individuais e momentâneos (apud GODEL, 1969, p. 155).

Desta forma, parece-nos que a relação língua-fala-linguagem, nos estudos saussurianos, se a compreendermos diferente do olhar tradicional, ou seja, não observando apenas a exclusão da fala, coloca-nos uma questão importante para a compreensão do que estamos chamando de lugar do sujeito nos estudos saussurianos: a escolha pelo social, em uma relação dialética com o individual.

A língua é social e, como veremos mais adiante, para Saussure não há meio termo, ou é social ou não é língua. Portanto, esta é sua principal característica, mas a língua não se encerra nesta característica, pois ainda é preciso compreender que a sua existência está marcada por uma dependência da fala, individual, mas, conforme vimos, realização da convenção social que é a língua.

Ora, o que poderia ser, como destacamos anteriormente, um problema para quem deseje observar o lugar do sujeito nos estudos saussurianos, ou seja, a escolha pela língua, ou melhor, a ênfase na língua e não na fala, no indivíduo e, por que não dizer, no sujeito, constitui-se para nós como uma porta aberta para o diálogo com os estudos da psicanálise lacaniana, pois marca a possibilidade de ver o sujeito não mais na sua superioridade, como ser que é porque pensa, mas como efeito de linguagem.

Mais uma vez, destacamos que a lingüística saussuriana, não tendo como objeto de estudos o sujeito, não nos conduz a uma necessidade de procurarmos nela uma discussão focada na questão do sujeito, mas buscarmos nas discussões sobre a língua como sistema de signos, feitas por Saussure, a possibilidade do diálogo com a questão do sujeito desenvolvida nas abordagens da psicanálise lacaniana. Para a lingüística da língua, o sujeito é um ponto de referência irrecusável, mas não um ponto de partida, pois sem ele nem as relações sincrônicas de um sistema lingüístico nem os fenômenos diacrônicos que as modificam poderiam ser adequadamente descritos. Saussure (1996, p. 106) diz, por exemplo, em relação à sincronia:

A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhe o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas.

Portanto, acreditamos e repetimos insistentemente que as questões estudadas por Saussure em torno da idéia de língua como um sistema de signos possibilitam que se pense (e esta tarefa teria ficado para outros. Lacan a levou a cabo de forma brilhante) o sujeito não mais como fonte, origem do seu dizer, mas na dialética de ser e não ser, de ser sujeito na e pela linguagem, de ser sujeito nos movimentos do significante. É a língua que, sendo anterior ao sujeito o precede e o constitui. Assim, em termos saussurianos, pensaríamos não mais na importância do sujeito para a língua, mas da língua para o sujeito. Ou, nas palavras de Saussure (2004, p. 128):

O que é claro, como se repetiu mil vezes, é que o homem sem a linguagem seria, talvez, o homem, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos (grifo do autor).

Só uma lingüística que estivesse preocupada em privilegiar a estrutura, o sistema, poderia ter fornecido à psicanálise uma possibilidade de trabalho com um sujeito que, repetindo, já não é dono da sua própria casa. Aliás, esta discussão tem repercursões interessantes no movimento estruturalista, pois nos parece falso pensar que o estruturalismo tenha excluído o sujeito das suas reflexões por privilegiar a estrutura. Diríamos que, privilegiando a estrutura, o estruturalismo possibilitou a discussão de um outro tipo de sujeito, diferente do cartesiano, que seria o foco central.

Desaparece, no estruturalismo, o homem “sujeito de sua história, homem que age e tem consciência de sua ação” (Dosse, 2001, p. 302), centro do conhecimento, para dar lugar ao homem descentrado, clivado, efeito do significante, produto de linguagem. Poderíamos, seguindo este raciocínio, dizer que a lingüística, considerada ciência piloto do estruturalismo, forneceu ao movimento, através dos estudos saussurianos, um instrumental perfeito para esse deslocamento do lugar do sujeito ao pensar a língua enquanto um sistema de signos, pois formou a base para a construção de um momento “pleno de linguagem”, como assim o definiu François Dosse (op. cit.). Na mesma direção, Fehr (2000) diz que o que constitui a importância de Saussure para o

estruturalismo é o fato dele ter aberto a via para o esforço que se fazia no sentido de superar uma concepção racionalista de sujeito.

Pensemos, então, no sistema de signos e, conseqüentemente, nas relações sintagmáticas e associativas, para pensarmos no lugar do sujeito nestes movimentos.

Das duas formas dos signos se relacionarem no sistema, a relação associativa é a que se apresenta imediatamente relacionada ao sujeito falante, pois Saussure diz que ela não é linear, existe na memória, na consciência do sujeito falante. Vejamos o que está escrito no CLG (Saussure, 1996, p. 143):

Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo em comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (...) “Vê-se que essas coordenações são de uma espécie bem diferente das primeiras. Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte deste tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chama-las-emos relações associativas. (grifo do autor)

Portanto, as relações associativas não existem em outro lugar, senão *na memória* do falante. É evidente que é o sujeito falante quem faz as associações, forma os grupos *dentro dos quais imperam relações muito diversas*. Por outro lado, por não serem lineares, as relações associativas não se apresentam como algo limitado. O número de associações possíveis em uma língua é infinito e depende, na maioria das vezes, do sujeito falante. Por isto, compreendemos que as relações associativas, ao mesmo tempo em que se apresentam, na descrição do próprio Saussure, como tendo lugar no sujeito, na sua memória, aparecem como a possibilidade de algo que o ultrapassa, já que ele não tem consciência da sua totalidade, é sempre em parte que ele as conhece, apenas a parte que *constitui a sua própria língua*.

Além disso, a memória da língua que existe no sujeito é social, uma das principais características da língua que também traz para as relações associativas um lugar de *mais além*. Memória *plantada* no sujeito como uma herança. Saussure é categórico quando se trata de mostrar a característica social da língua como prioritária e o fato de que ela ser social é anterior ao indivíduo. Ele deixa isto muito claro em duas frases simples, escritas em uma nota para o segundo curso de lingüística geral, ministrado em Genebra entre 1908 e 1909. Segundo ele: “A língua é social ou então não existe. A língua para se impor ao espírito do indivíduo, deve antes ter a sanção da coletividade” (Saussure, 2004, p. 258).

Ainda sobre as relações associativas, não podemos deixar de destacar que para Saussure elas tornam possível o mecanismo da língua e, sendo assim, adquirem, da mesma forma, uma importância central para a lingüística, apesar de sua indeterminação e de sua dependência do sujeito falante. Pelo menos é o que aparece nas anotações de Riedlinger do segundo curso de Saussure:

Nesta massa de elementos dos quais dispomos virtualmente, mas efetivamente, neste tesouro, nós fazemos associações: cada elemento nos faz pensar em um outro: tudo o que é semelhante e diferente de alguma forma se apresenta em torno de cada palavra de outra forma o mecanismo da língua seria impossível (apud FEHR, 2000, p. 154).

Até aqui falamos das relações associativas e do lugar do sujeito nestas relações. Entretanto, o mecanismo da língua, ou a idéia de língua como sistema de signos, exige a presença das duas relações (sintagmáticas e associativas), em um vínculo de interdependência, de tal forma que “a coordenação no espaço contribui para criar coordenações associativas, e estas, por sua vez, são necessárias para a análise das partes do sintagma” (Saussure, 1996, p. 149). Portanto, a cadeia linear da fala contribui para criar associações e as associações, por sua vez, são necessárias para a análise das partes do sintagma e isto é tão verdade que Saussure (op. cit., p. 150), dando o exemplo de *desfazer*, diz que ela não seria analisável se “outras formas contendo *des* ou *fazer* desaparecessem da língua”.

As relações sintagmáticas, lineares, trazem o sistema da língua como algo também anterior ao sujeito, herança da língua, pois toda língua apresenta uma linearidade peculiar que deve ser seguida pelo sujeito falante.

Os signos, no sintagma, parecem trazer toda a carga de rigor da língua, como se neste tipo de relação não fosse mais o sujeito a estabelecer limites, como no caso das relações associativas, mas a língua a impor os limites ao sujeito. Limites do alinhamento dos signos “um após o outro na cadeia da fala” (SAUSSURE, op. cit., p. 142). Limites através da exclusão da possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Limites espaciais ou de extensão, pois os sintagmas têm começo, meio e fim.

Relacionada à fala ou ao discurso, a linearidade do sintagma não é, entretanto, apenas individual, permanece coletiva, social, apontando para uma dialética entre estes dois pólos. O sujeito, pensando nesta dialética da relação, *desliza* entre a estabilidade da língua e a liberdade da fala, pois, conforme aponta Saussure (op. cit., p. 145): “no

domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual”.

Parece-nos, então, que é o mecanismo da língua, ou seja, as relações associativas e sintagmáticas, que determinam a relação entre língua e sujeito falante, tal como Saussure a concebe, colocando na língua uma anterioridade com relação ao sujeito, pois é ele que é constituído nela e por ela, é ele quem (vale a pena repetir) “sem a linguagem seria, talvez, o *homem*, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos (SAUSSURE, 2002, p. 128, grifo do autor)”.

Portanto, a *organização* sintagmática e a *escolha* na cadeia associativa são *obras* de um sujeito falante e devem ser a ele atribuídas. Entretanto, é imprescindível lembrar, como o faz Fehr (2000, p. 160), que “esta ordem não é nem consciente nem intencional”. O que nos parece garantir que assim o seja é a dialética entre o social e o individual presente nos dois tipos de relações. Pois, ao mesmo tempo em que a língua parece se impor ao sujeito, constituindo-o, fazendo parte dele como uma herança, seja através da linearidade, do *um após o outro* da relação sintagmática, seja através das inúmeras possibilidades de associação, na cadeia paradigmática, o sujeito faz escolhas, limita e, por isso, também, fala.

Fehr (op.cit.) destaca que Saussure não parou de sublinhar como sendo de importância fundamental para a lingüística, desde a sua Lição inaugural de Genebra, saber se os fatos lingüísticos são resultado de um processo consciente ou inconsciente. E que esta questão tem que ser levada em conta se se quer trabalhar as relações sintagmáticas e associativas. Relações permeadas pelo sujeito que nelas se constitui em parte consciente, em parte inconscientemente. Em parte marcado pela força do social, presente nos dois movimentos, em parte impondo uma singularidade, construindo seu lugar na língua e no mundo, construção, se podemos dizer, sempre marcada por um certo “desconhecimento”.

Poderíamos dizer que separar língua e sujeito falante, ou dizer que a lingüística saussuriana procede a uma exclusão do sujeito pode significar cair em uma abstração pura, impensável para Saussure que critica esta atitude nos comparativistas. Segundo ele:

O mal-entendido em que caiu, no início, a escola fundada por F[rantz] Bopp, foi atribuir às línguas um corpo e uma existência imaginários, fora dos indivíduos falantes. A abstração, em matéria de língua, mesmo feita com conhecimento de causa, só permite, na prática, aplicações limitadas – é um procedimento lógico – ainda mais uma abstração à qual se dava um corpo e

da qual se era joguete ia ser um impedimento... (SAUSSURE, 2004, p. 115, grifo do autor).

Portanto, claramente para Saussure, a língua não tem uma existência imaginária, fora dos indivíduos falantes, ao mesmo tempo também não poderíamos dizer que ela se presta a ser um instrumento de comunicação. Muito pelo contrário, como bem observou Normand (2000), escolher partir do sistema, como o fez Saussure, é recusar-se ou, pelo menos, evitar partir da comunicação.

Podemos dizer que, em Saussure, não se trata de exclusão do sujeito, mas de não partir dele, não se deter nele, não falar dele, mas permitir que em todos os movimentos do sistema da língua ele esteja presente para ser pensado de outra forma, de um outro lugar que não o de senhor absoluto da língua.

Na verdade, o sujeito é o limite epistemológico de toda a Lingüística. Isso acontece porque a Lingüística, como ciência, não necessita de uma teoria do sujeito. Saussure sabia disso e não tentou incluir uma teoria do sujeito nas suas considerações sobre a língua. Mais que isto, Saussure, embora reconheça que indivíduo e sociedade exercem um papel definitivo para a língua (ele diz mesmo constitutivo), procurou não reduzir a língua às categorias psico ou sóciolingüísticas.

Tentamos mostrar na discussão empreendida neste artigo que exatamente por não falar do sujeito, por privilegiar a língua, a lingüística saussuriana tem permitido um diálogo profícuo com a psicanálise lacaniana, sobre a relação entre língua e sujeito. Assim, continuaremos recorrendo a uma exterioridade teórica para pensarmos sobre as questões de sujeito, no nosso caso, recorreremos aos estudos desenvolvidos pela psicanálise lacaniana, mas devemos enfatizar que nos parece no mínimo privilegiado o diálogo que se dá entre a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana, pois pensar uma exterioridade a partir de algo que nos é tão familiar, como a língua, parece-nos, repetindo, singular e bastante frutífero.

De uma forma geral, poderíamos dizer que se as palavras dizem algo não é porque temos a intenção ou vontade que assim seja, mas porque elas circulam, ou melhor, porque são tomadas em um sistema de relações que, passando de boca em boca, necessariamente as modificam.

Falando palavras, falamos de nós sem nos darmos conta de que ou do que exatamente falamos ou até de quem somos. As palavras nos dizem, nos silenciam, nos superam, falam de nós antes que possamos perceber que estamos sendo falados. Não são simples instrumentos de comunicação ou de expressão do pensamento e talvez por

isso seja tão interessante estudá-las ou, como disse Saussure (1996, p. 25), talvez seja este o lado mais interessante das palavras, do signo, o seu caráter essencial. Nas palavras do mestre: “O signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente*. Trad. brasileira de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
2. DE MAURO, Tullio. Notas. In: SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de Linguistique Générale*. 4. ed. Paris: Payot, 1995.
3. DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.
4. FEHR, Johannes. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Paris: PUF, 2000.
5. GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. 2^a ed. Genebra: Librairie Droz S. A, 1969.
6. KOMATSU, Eisuke; HARRIS, Roy (Eds.). *Troisième Cours de linguistique générale (1910-1911) d'après les cahiers d'Emile Constantin*. Oxford: Pergamon Press, 1993.
7. LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. bras. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
8. NORMAND, Claudine. *Saussure*. Paris: Les Belles Lettres, 2000.
9. LOPES, Edward. *A identidade e a diferença*. São Paulo: Edusp, 1997.
10. SAUSSURE, Ferdinand. *Escritos de lingüística geral*. Trad. Bras. Carlos Augusto Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
11. SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 25^a Ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

RESUMO: O diálogo entre a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana nos coloca o desafio de pensarmos em que bases estudos como os de Ferdinand de Saussure, criticado por ter colocado a lingüística no patamar de modelo para as ciências humanas porque habilmente definiu seu objeto sem referência a um sujeito falante, motivaram discussões em torno do sujeito, como as que foram empreendidas por Jacques Lacan. Impulsionados por este desafio,

discutiremos neste artigo o lugar do sujeito nos estudos saussurianos, a partir de dois pontos fundamentais: a exclusão da fala do campo de estudos da lingüística e o desenvolvimento da tese da língua enquanto um sistema de signos. Defendemos que o fato de Saussure ter privilegiado a língua, o social, a linguagem, colocando-os como uma espécie de anterioridade-superioridade em relação ao sujeito, foi o que fez dos seus estudos um campo fértil para o *nascimento* do sujeito pleno de linguagem, efeito de significante.

PALAVRAS-CHAVES: sistema, exclusão, sujeito, significante.

ABSTRACT: The dialogue between the saussurean and the lacanian linguistics challenges us to think in which base the studies as the ones performed by Ferdinand de Saussure, who is criticized for setting the linguistics in the frame for human sciences, since he defined its object without referring to the speaking subject, have motivated discussions about the subject, such as the ones which were argued by Jacques Lacan. Impulsed by this challenge, this article aims at discussing the place of the subject in the saussurean studies, based on two fundamental aspects: the exclusion of the speaking from the field of the studies by the linguistics, and the development of the thesis of the language as a system of signs. We defend that the fact of Saussure's privileging the *langue*, the social, and the language, setting them as prior to the subject, was what made of his studies a fertile field to *give birth* to a subject fulfilled by language, effect of the signifying.

KEYWORDS: Language system, exclusion, subject, signifying.